

Usos de conectivos em língua portuguesa na produção textual de estudantes universitários*

Eliana Magrini Fochi**
Celso Fernando Rocha***

Resumo

O objetivo do estudo é identificar conectivos da língua portuguesa empregados com maior e menor frequências em textos produzidos por estudantes universitários. Recorremos aos conceitos advindos da Linguística de Corpus, da Linguística Textual e da gramática normativa tradicional. Compilamos um corpus contendo 107 redações argumentativas (290.635 palavras) de alunos de dois cursos superiores de tecnologia. Utilizamos o WordSmith tools para a extração da lista de frequência (WordList) e da lista de concordâncias (Concord). Podemos citar que alguns conectivos apresentam estabilidade de uso e alta frequência de emprego (por exemplo, o pronome *que* e a conjunção *mas*), enquanto outros apresentam baixa frequência de uso no discurso comum (como o pronome relativo *cujo(a)*, *cujos(as)* e as conjunções *contudo* e *entretanto*); outros, ainda, apresentam alta frequência de emprego mas grande instabilidade, com alto índice de variação em relação à prescrição normativa (caso específico de *onde*).

Palavras-chave

Linguística textual; redações argumentativas; linguística de corpus; pronomes relativos; conjunções.

Abstract

The main objective of this paper is to identify the frequency of use (high or low) of connectives in texts of college students. We applied some concepts from Corpus Linguistics, Textual Linguistics and from the Brazilian traditional grammar. We collected 107 argumentative essays (29.635 words) from students of two undergraduate courses of technology. In order to extract the data, we used the software WordSmith Tools to produce the list of words (WordList) and the list of concordances (Concord). The results show that there are some pronouns that are stable in terms of use (*que*) while others present low use in the corpus analysed (relative pronoun *cujo(a)* and *cujos(as)* and the conjunctions *contudo* and *entretanto*). Finally, there are other connectives which are frequently used, but they are rarely used according to the official Brazilian grammar (*onde*).

Keywords

Textual linguistics; argumentative essay; corpus linguistics; relative pronouns; conjunctions.

* Artigo recebido em 13/03/2011.

** Professora Doutora Plena na Faculdade de Tecnologia de São José do Rio Preto.

*** Professor Doutor Assistente na Faculdade de Tecnologia de São José do Rio Preto

1. Introdução

O ensino de língua portuguesa a estudantes de cursos universitários de tecnologia privilegia as condições de produção textual associadas à adequação e à eficácia do discurso predominantemente informativo. Por conseguinte, o enfoque das disciplinas da área em questão tem sido a seleção de variantes adequadas a situações formais de comunicação, escrita e falada, as quais demandam do estudante o domínio de recursos linguísticos responsáveis por coesão e coerência textuais, em especial, dos conectores lógico-argumentativos.

As práticas textuais dos cursos mencionados caracterizam-se por textos empresariais (relatórios, pareceres, correspondências) e científico-acadêmicos (resenhas, monografias, artigos). Notam-se, muitas vezes, inadequações ou uma redução significativa dos elementos coesivos (especialmente o repertório de conjunções e pronomes relativos) referentes à organização sintático-semântica dos enunciados que compõem as espécies textuais mencionadas.

As pesquisas para a caracterização dos contextos de uso de tais elementos podem contar agora com os recursos da Linguística de Corpus (LC). Seu aparato teórico-metodológico oferece uma investigação mais específica, com um levantamento de dados mais preciso, possibilitando determinar os aspectos relevantes da pesquisa em um processo quantitativo e qualitativo de cruzamento de informações.

Pode-se dizer que a presença de *corpora* torna possíveis análises que não teriam grandes chances de serem produzidas algumas décadas atrás, devido às dificuldades e às limitações dos contextos teórico, metodológico e tecnológico. Na década de 1960, por exemplo, as palavras eram transferidas manualmente para cartões perfurados, para serem lidas por meios eletrônicos. Nesse contexto, o estudo de estruturas linguísticas e o posterior levantamento de frequências e contrastes apresentavam restrições de execução, por conta da abrangência e da constituição do objeto de estudo.

Nesta investigação, dados advindos de várias redações produzidas por alunos ingressantes em cursos superiores de tecnologia, as quais constituem o *corpus* de análise, foram extraídos e estudados. Com a análise desses textos, objetiva-se identificar os conectivos da língua portuguesa empregados com maior e com menor frequência (sobreuso e subuso, respectivamente) e caracterizar os usos a partir do ponto de vista sintático-semântico. Com isso, é possível reconhecer deficiências na habilidade de expressão escrita em LM desses estudantes, em particular, na articulação lógico-

argumentativa do texto, levando-se em consideração a variante prestigiada da língua (vale dizer, de acordo com o padrão culto da língua escrita) nos contextos de produção associados à comunicação em âmbito profissional.

2. Fundamentação teórica

A LC dedica-se à coleta e à exploração de conjuntos de dados linguísticos textuais (os *corpora*) criteriosamente selecionados. Esses dados caracterizam-se como material de pesquisa de uma língua ou de uma variedade linguística. Por isso, a definição de *corpus* é ponto-chave para o desenvolvimento de qualquer pesquisa em LC. Para Berber Sardinha (2004, p. 18), uma definição mais completa seria a de Sánchez:

Um conjunto de dados linguísticos (pertencentes ao uso oral ou escrito da língua, ou a ambos) sistematizados segundo determinados critérios, suficientemente extensos em amplitude e profundidade, de maneira que sejam representativos da totalidade do uso linguístico ou de algum de seus âmbitos, dispostos de tal modo que possam ser processados por computador, com a finalidade de propiciar resultados vários e úteis para a descrição e análise (SÁNCHEZ, 1995, p. 8-9 apud BERBER SARDINHA, 2004, p. 18).

Ainda, para Berber Sardinha (2004), um dos requisitos essenciais para a formação de um *corpus* computadorizado é a autenticidade, ou seja, textos em língua natural, produzidos sem o objetivo de servir à pesquisa linguística, por um falante nativo. Além disso, é importante lembrar que a seleção e a compilação requerem atenção para os aspectos de extensão, representatividade, especificidade e adequação, sempre se levando em consideração os objetivos de cada pesquisa.

A LC possibilita diversos tipos de pesquisa, tais como a descrição da linguagem com ou sem suporte estatístico, a compilação de *corpus* e a aplicação dos *corpora* no ensino. No campo da descrição, uma das contribuições mais produtivas da LC concentra-se em aspectos gramaticais, permitindo identificar padrões de uso, a partir da recorrência sistemática de unidades frásicas e das relações estabelecidas nos enunciados nos quais estão presentes.

Da perspectiva da LC, tais padrões de uso podem ser estudados, segundo a dicotomia prescrição *versus* uso. As frequências, que se destacam em um sistema probabilístico tal como a linguagem, auxiliam o pesquisador a identificar tendências a novas padronizações, sendo de indiscutível importância para a (re)definição de uma norma linguística.

Um dos aspectos mais positivos realçado pelos resultados da aplicação teórico-metodológica da LC a textos naturais ou autênticos reside no efeito de algumas frequências de uso na construção de sentido, entre as quais estão os fatores de coesão textual. Na conceituação de Koch (2002, p. 45), coesão é “o fenômeno que diz respeito ao modo como os elementos linguísticos presentes na superfície textual se encontram interligados entre si, por meio de recursos também linguísticos, formando sequências veiculadoras de sentido”.

Como modalidades de coesão, Koch (2002) reconhece a reativação de referentes no texto (por anáfora e catáfora) e a sequenciação. No primeiro caso, ocorre a retomada de referentes, seja pela referenciação realizada por elementos gramaticais ou lexicais, seja por inferenciação, caso em que se constitui uma rede de associações semânticas entre os referentes e os elementos anafóricos e catafóricos.

Entre os recursos gramaticais coesivos de referenciação, destacam-se os pronomes relativos, anafóricos complexos, que podem realizar tanto a retomada de referentes quanto a articulação de estruturas textuais. Os pronomes relativos caracterizam-se como

Modos da não-pessoa, [...] marcam-se por uma dupla função na constituição do texto: de modo geral, pode-se dizer que, a um tempo, recuperam uma informação enunciada por outro termo precedente e instituem, no nível do arranjo sintático, uma relação hipotática, introduzindo um termo subordinado, de natureza periférica ou nuclear e estatuto oracional. Reunindo funções de anafórico e relator, o pronome relativo tem seu papel sintático e sua determinação básica estabelecidos pelas relações que contrai com outros elementos do texto em que se insere (FOCHI, 1991, p. 109-110).

Por sua vez, na sequenciação, conjunções e locuções conjuntivas são empregadas; esses elementos textuais são tratados pela gramática tradicional como relacionais. No entanto, as teorias linguísticas conferem a eles o estatuto de operadores argumentativos ou discursivos, por exemplo, em Koch (1993). Nesse sentido, tais conectivos imprimem uma implicação retórica ao enunciado em que se encontram. É o caso das conjunções adversativas e das concessivas, cuja descrição sintático-semântica envolve estratégias vinculadas à interlocução, conforme se pode ler em Ducrot (1972).

3. Coleta, extração e análise dos dados

Inicialmente, foram coletados 107 textos (29.635 palavras) produzidos no segundo semestre de 2009 por alunos do primeiro período de dois cursos superiores de tecnologia. Trata-se de dois conjuntos de textos do gênero argumentativo-informativo, sendo um deles caracterizado como “documentação tecnológica” (Proposta) e o outro, livre de convenções formais, como “resposta de cunho pessoal a uma indagação”.

Todos os textos foram digitados no programa *Microsoft Word* (versão Office 97-2003). O levantamento dos conectivos mais frequentes foi feito com o auxílio do *WordSmith Tools* (versão 4.0), um dos programas mais utilizados para pesquisas em LC. Esse *software*, criado por Michael Scott, professor da Universidade de Liverpool (Inglaterra), possui três ferramentas: *WordList*, *Concord* e *KeyWords*.

Na extração dos dados, por meio da *WordList*, foi possível criar listas de palavras por ordem de frequência e por ordem alfabética. Utilizou-se a *Concord*, a fim de produzir listagens das ocorrências de itens específicos ou nódulos acompanhados do seu respectivo cotexto (texto ao redor da palavra de busca), facilitando, assim, a identificação de outros elementos significativos relacionados à palavra de busca.

No levantamento dos conectivos de referência e daqueles marcadores das relações lógico-argumentativas nos 107 textos estudados, destacaram-se pronomes relativos e conjunções, que serão indicados e analisados, a fim de identificar a configuração de seus usos pelos falantes.

O quadro abaixo mostra os pronomes relativos e as conjunções encontrados nos textos escritos dos alunos universitários. Das amostras, foram selecionados cinco tipos de pronomes relativos, e as conjunções escolhidas foram separadas em quatro grupos distintos:

Quadro 1. Amostragem de pronomes relativos e conjunções

Pronomes relativos	Conjunções
Que	mas, apesar de, porém, embora, contudo, entretanto, no entanto
o/a qual; os/as quais	pois, porque
Quem	a fim de (que)
Onde	portanto, logo
cujo/a; cujos/as	

3.1. Pronomes relativos

a) QUE

No grupo dos relativos, o sobreuso está no “que”, constatação que não representa necessariamente um dado novo, considerando-se a natureza desse pronome, e, em particular, os seguintes aspectos:

- Significação: é desprovido de carga semântica própria, colocando-se como anafórico para a recuperação de qualquer conteúdo (seu antecedente pertence a um inventário aberto).
- Recção: emprego tanto em contextos que não exigem elementos relacionais (preposições) quanto nos que os exigem, caso em que a combinatória é livre.
- Posição no enunciado: o mais possível próximo de seu antecedente.

A observação dos contextos em que esse relativo é empregado nos 107 textos examinados aponta para uma estabilidade de uso, caracterizada pela adequação entre o emprego pelos falantes e a prescrição normativa. Quanto à variável recção, de 13 contextos em que é exigido um relacional (preposição), este é omitido em 5 (Exemplos: *curso que me formei / coisas que gosto / algo que gostamos / empresa que trabalho / matérias que mais me identifico*).

Registram-se, ainda, duas ocorrências da expressão “oque”. Como se trabalha com corpus digitalizado, pode-se supor que houve, nessas ocorrências, um erro de digitação. Entretanto, cumpre registrar que tal expressão é comumente constatada em textos manuscritos.

b) O/A QUAL; OS/AS QUAIS

Esses relativos têm as particularidades tonicidade e flexão de gênero e número; mas os textos examinados mostram que os usos, muitas vezes, desconsideram tais particularidades. Ao se observar a frequência, há outro aspecto importante a considerar: a combinatória desses relativos com preposições (recção).

No conjunto, foi possível encontrar seu emprego nas seguintes condições:

- Ocorrências adequadas ao padrão normativo (*século no qual existem muitas informações / sociedade da qual faço parte / instituição na qual pretendo obter / curso escolhido, no qual buscar soluções / o curso no qual entrei / uma sociedade na qual a vida / faculdade, na qual me deparei*).
- Emprego do relativo por referência a expressão diferente do antecedente e posposta ao relativo (*análise de sistemas, banco de dados e programação, as quais são as matérias*).

- Inadequação de gênero entre antecedente e relativo (*ambiente na qual vou e pretendo ficar / profissão no qual escolhi*).
- Elisão da informação de gênero (*o mundo em qual vivemos*).
- Inadequação de número entre antecedente e relativo (*as minhas expectativas, a qual será*).
- Elisão do artigo da expressão (*empresas para quais presto serviço*).
- Com antecedente próximo (*futuro o qual lhe reservará / os professores os quais já conheci / situações pelas quais já passaram / instrutores dos quais nunca se esquecem / experiências das quais depois irão sentir orgulho*).
- Inadequação de gênero e de número entre antecedente e relativo (*em muitas situações pelo qual passei*).
- Recção presente com relacional contextualmente inadequado (*motivo ao qual optei / curso no qual temos afinidade / trabalho no qual nos dedicaremos / valores dos quais a educação deve constar*).
- Elisão do elemento relacional exigido pela recção (*curso o qual me identifiquei / caminhos dados pelos docentes os quais devo passar*).
- Recção presente com relacional contextualmente inadequado e inadequação de gênero e de número entre antecedente e relativo (*isto é algo na qual esta faculdade oferece*).
- Elemento relacional não exigido pelo contexto de recção e inadequação de gênero (*diploma na qual almejo*).
- Truncamento sintático (*curso oferecido pela Fatec. O qual não envolve somente / optei por fazer a Fatec por dois motivos simples e pelos quais acredito que atrai a maior parte dos alunos*).
- Emprego pelo padrão do português lusitano, em lugar de “cujo(a)(s)” (*sociedade, no contexto da qual ela se encontra situada*).

c) QUEM

Diferentemente dos dois pronomes anteriores, este relativo tem uma marca semântica própria de “pessoa”. Tal aspecto, além de seleccionar antecedente compatível com essa idêia, faculta seu emprego sem antecedente expresso (uso absoluto). Na primeira condição, a seleção inclui contextos de recção em que ocorram preposições.

Todas as ocorrências desse pronome encaixam-se nesse perfil, dado esse que aponta para a estabilização de seu uso.

d) ONDE

Esse é outro pronome com marca semântica própria, de “lugar”, o que o habilita a figurar sem antecedente expresso ou como anafórico de lexemas cuja carga semântica seja compatível com a do relativo. No plano da recção, sua combinatória é de inventário fechado, pois se combina apenas com as preposições “a”, “para” e “de” em contextos marcados pela presença de verbos que indicam direção.

Esse é um pronome relativo que se vem mostrando muito pouco estável nos usos dos falantes, vindo a compor um quadro de variações com implicações múltiplas. Nos textos analisados, registraram-se 40 ocorrências de “onde”, número que representa uma alta frequência de uso em comparação aos demais conectivos presentes nas amostras estudadas. Entretanto, não é sua alta frequência que se destaca, mas sim, as muitas variáveis de uso.

Assim, foram identificados os seguintes usos no conjunto de textos dos estudantes universitários:

- Sem antecedente expresso (uso absoluto) (*pesquisar onde estudar / escola Philadelpho Gouvêa Netto que foi onde tive o primeiro contato / profissional que sabe onde está colocando as mãos / saber onde buscar / para onde voar*).
- Com antecedente compatível com a carga semântica de “lugar” (*a escolha do curso e o local onde fazê-lo / com esse mundo globalizado, onde o individualismo está acima de / mundo globalizado em que vivemos, onde a tecnologia avança*).
- Uso absoluto e com preposição exigida por verbo de direção (*vendo a onde (sic) isso está nos levando*).
- Como anafórico de antecedentes aos quais se atribui carga semântica de “lugar”, por derivação de sentido (*a faculdade é de uma excelente organização, onde o aluno / através do colégio onde eu estudava / indicações da Fatec, onde no mês de junho de 2009, prestei o vestibular / dentro da empresa onde já trabalha / escolhi a Fatec, onde analisei e constatei / ingressar em uma universidade, onde escolhemos uma determinada área*).

- Com desvio semântico – com antecedente não-compatível com a carga semântica de “lugar”, substituindo outro relativo:

⇒ Substituindo “que” (*está na área mercadologia, onde é de interesse*)

⇒ Substituindo “em que” ou “no/a qual” (*curso superior onde quanto maior a sua experiência / é uma área ampla, onde eu posso/ / fazer estágios onde poderei pôr em prática / uma boa área onde eu possa me tornar um profissional / área onde eu atuo / um curso otimista, onde eu possa estar encontrando / leitura e muitos outros campos onde vou procurar me esforçar / até o momento onde decidimos realmente algo / curso diferenciado e único onde os alunos devem aproveitar / mercado de trabalho onde só os melhores se destacam / mercado de trabalho mais competitivo, onde o que não tiver uma qualificação / é nesta troca de informações que nascem grandes idéias e grandes projetos e onde o aluno se prepara / abrir nossas próprias empresas, onde cada um deve ser competentemente capaz / além do nível superior, onde a remuneração em cargos públicos geralmente é boa*).

⇒ Substituindo “cujo(a)(s)” (*é um curso híbrido, onde a área administrativa também me interessa / possa ser contratado por alguma empresa, onde tenha a oportunidade de contribuir para o seu crescimento*).

⇒ Como equivalente da expressão expletiva “é que” (*e é aí onde a Administração entra em minha vida*).

- Vazio semântico – sem vínculo com antecedente (Exemplos: *tenho uma empresa que fabrica janelas [...], onde acho que estou um pouco defasado quanto às teorias da administração / incentivo pra que eu possa me dedicar e estudar bastante, onde poderei optar por trabalhar no setor administrativo / para a administração da empresa e para a Tecnologia da Informação, onde o mesmo realiza ações*).
- Como conjunção, substituindo conectivo ou locução conjuntiva, indicando finalidade “para que” (Exemplo: *interagir com o curso de uma forma dinâmica onde eu possa estar aprendendo*).

- Em acúmulo com outra informação fornecida por pronome (Exemplo: *prestar concursos públicos, onde em muitos deles bons cargos são oferecidos*).
- Com truncamento sintático (Exemplos: */ além do seu alto índice de empregabilidade, onde os alunos são formados para serem melhores profissionais / prepara o aluno para o mercado de trabalho. Onde ele acaba se destacando*).

e) CUJO/A; CUJOS/AS

Há uma única ocorrência registrada desse relativo (*o que esperar de um curso superior é uma pergunta cuja resposta é fácil*), com a seguinte especificidade de uso: há antecedente e conseqüente vinculados pela noção de posse.

A baixa frequência de uso de tal pronome não surpreende, visto que seu emprego demanda um domínio de relações mais complexas de termos do enunciado. Além de reconhecer dois termos vinculados pelo sentido, em diferentes segmentos do enunciado, é preciso ver nesse vínculo o sentido de posse e uma relação de natureza sintática: a concordância (nominal) do relativo com o termo conseqüente (caracterizado como “coisa possuída”). Por essas condições, pode-se inferir que esse pronome esteja sendo esquecido gradualmente no uso do discurso comum.

3.2. Conjunções

Nas 107 redações coletadas, a conjunção foi o outro vocábulo gramatical observado. Analisou-se a maneira como conjunções e locuções conjuntivas foram utilizadas pelos alunos, para conectar orações ou termos de uma mesma oração; com isso, investigou-se a noção de dependência sintática ou de simples coordenação na articulação dos textos produzidos.

No levantamento das ocorrências de conectivos lógico-argumentativos (conjunções ou locuções) mais tipicamente marcados, por importarem relações de sentido entre seqüências de texto, constata-se que, no total, 13 conectivos foram mais lembrados pelos estudantes em seus textos; com exceção de “mas” (56% dos textos), secundado por “pois” (49%), os demais conectivos tiveram uma baixa frequência de uso.¹

¹ O levantamento inicial revelou alta frequência de uso de “para” (95%: 514, e 102 textos) e de “como” (76%: 167 ocorrências, em 82 textos). No entanto, a observação do quadro de concordâncias fez ver que

Destaca-se o fato de que 7 conectores (*mas, porém, contudo, entretanto, no entanto, embora, apesar de*) respondem por relações de sentido caracterizadas pela relação de sentido de oposição, restrição, contraste, contraposição ou contrariedade entre as unidades ligadas. Dentro desse grupo, a conjunção “*embora*” e a locução “*apesar de*” são tradicionalmente classificadas como conjunções subordinadas concessivas, pois “*iniciam uma oração subordinada em que se admite um fato contrário à ação principal, mas incapaz de impedi-la*” (CUNHA E CINTRA, 2001, p. 586). Os demais conectivos utilizados distribuem-se por explicação ou causa, finalidade e conclusão.

Os quadros de 2 a 5 mostram as frequências dos 13 dos conectivos identificados nas 107 redações coletadas e o tipo de relação sintático-semântica que estabelecem.

Quadro 2. Conectores lógico-argumentativos responsáveis pelas relações de sentido de oposição, restrição, contraste, contraposição, contrariedade

Palavra	Freq.	%	Textos	%
MAS	116	0,3914	60	56,075
APESAR	14	0,0472	13	12,15
PORÉM	10	0,337	9	8,4112
EMBORA	3	0,0100	3	2,8038
CONTUDO	2	0,0067	2	1,8692
ENTRETANTO	2	0,0067	2	1,8692
NO ENTANTO	2	0,0067	2	1,8692
“ENTRETANDO”	1	0,0033	1	0,9346

Quadro 3. Conectores lógico-argumentativos responsáveis pelas relações de sentido de causa, explicação

Palavra	Freq.	%	Textos	%
POIS	95	0,3206	53	49,533
PORQUE	23	0,0776	16	14,953

Quadro 4. Conectores lógico-argumentativos responsáveis pela relação de sentido de finalidade

Palavra	Freq.	%	Textos	%
A FIM DE (QUE)	4	0,0134	4	3,738
“AFIM” DE QUE	2	0,0067	2	1,8692

na quase totalidade dos contextos esses vocábulos não eram empregados como conectivos, mas como preposição, no primeiro caso, e como advérbio, no segundo; as poucas ocorrências deles como conectivos apontam adequada relação de sentido entre os enunciados (respectivamente finalidade e comparação ou condição).

Quadro 5. Conector lógico-argumentativo responsável pela relação de sentido de conclusão

Palavra	Freq.	%	Textos	%
PORTANTO	13	0,0439	13	12,15

Nos textos analisados, o emprego dos conectores apresentados nesses quadros mostra estabilidade, preservadas as relações semânticas entre os enunciados que interligam. Quanto às três ocorrências de “embora”, observa-se que em todas a relação de sentido entre as partes do enunciado é adequada (*freqüentei uma faculdade foi no curso de sociologia da Fundação Santo André, embora não estivesse matriculado / Embora tenha tido crescimento nos últimos anos, ainda existe preconceito quando*); em uma delas, no entanto, existe impropriedade sintática na seleção do modo e do tempo do verbo da sequência (*é essa ajuda que espero desse curso embora sei que tudo vai depender*).

Com alta freqüência de emprego, o conectivo “para (que)” tem emprego estável; entre as variáveis, registra-se seu uso na hipotaxe, introduzindo a relação de sentido de finalidade, segundo as estruturas “para + infinitivo” e “para que + presente do subjuntivo” (*buscar um estágio, para ir se familiarizando com / essa escolha deve vir motivada por outros fatores, para que não se torne o escolhido*). Ocorrem ainda outras variáveis de uso desse conectivo, a maioria em frases nominais do tipo **nome** (subst. ou adj.) + **para** + **nome** subst. (*portas para o mercado / canal para troca de / expectativas para o curso / preparado para o mercado de trabalho/ bom para a vida*), ou do tipo **nome** (subst. ou adj.) + **para** + **verbo** (*asas para voar / oportunidades para continuar ganhando / formada para atuar*). Além dessas, há ocorrências em estruturas com pronomes (para mim, para todos / para quem / para isso). Conclui-se, à vista das ocorrências registradas, que o emprego desse conectivo se apresenta bastante estabilizado em relação às prescrições normativas.

4. Considerações finais

A análise empreendida permite concluir que os relativos e conjunções que o falante emprega com freqüência e em relação estável (isto é, conforme ao padrão culto da língua) revelam um estoque bastante limitado, se comparado ao repertório disponível no

léxico de nossa língua². As estruturas sintático-semânticas em que se encontram tais conectivos são caracterizadas por baixa complexidade (haja vista aquelas em que figura o relativo “que”); constatam-se inadequações ao padrão lingüístico quando se exigem relações sintático-semânticas mais complexas (caso das estruturas com o relativo “cujo” e suas flexões e daquelas em que há preposições exigidas pelo contexto).

Questão que sobressai, nesta análise, é a instabilidade no uso do anafórico “onde”, que apresenta, ao lado da alta frequência, uma baixa precisão ou adequação aos contextos. Pode-se inferir certa diluição do conceito associado a esse relativo: perdida sua carga semântica, abandona-se o vínculo – também sintático – do anafórico com o antecedente.

“O/a qual” e “os/as quais” apresentam uma relativa estabilidade de uso quando apreciados pelo prisma da relação anafórica. No entanto, a frequência indica que a presença desses relativos anula o reconhecimento das preposições exigidas pelos contextos. Tal constatação também diz respeito ao “que”, a despeito da estabilidade de uso desse pronome.

O relativo “cujo” e suas flexões “cuja, cujos, cujas” estão cada vez menos presentes no uso cotidiano da língua falada e escrita pelos falantes em geral. A complexidade das relações sintático-semânticas que definem seu emprego correto pode ser uma possível explicação para sua baixíssima frequência, sugerindo uma tendência ao desuso.

Com referência às conjunções observadas no *corpus* analisado, o que se constata é, principalmente, a limitação do estoque, tendo em vista aquele disponível no léxico ativo da comunidade falante do português do Brasil.

As frequências oferecem a informação acerca da extensão do repertório do falante nativo de língua portuguesa em termos de expressar as relações de sentido entre segmentos textuais: diante do conjunto de soluções em potencial para a expressão de tais relações, pode-se caracterizar o que e quanto é atualizado pelo falante.

Dados dessa ordem podem apontar uma questão importante, que é a relação entre a linguagem, as habilidades argumentativas e o raciocínio lógico do falante. Quando se constata que um falante utiliza um repertório limitado ou concentrado de elementos de sua língua nativa repetidamente, há uma informação que leva à hierarquização de certas soluções, fazendo pressupor que se está diante de um

² Em apêndice, um quadro das conjunções encontradas em gramáticas tradicionais do português.

simulacro, apenas, de discurso argumentativo, polêmico, especialmente levando-se em consideração as ocorrências dos conectores expostas neste artigo.

Referências

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37.ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

BERBER SARDINHA, A. P. (Org.). *A língua portuguesa no computador*. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: FAPESP, 2005.

_____. *Linguística de corpus*. São Paulo: Manole, 2004.

_____. Linguística de corpus: histórico e problemática. *D.E.L.T.A.*, v. 16, n. 2, p. 323-367, 2000.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. revista. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. [pronomes relativos, p. 342-352; conjunção, p. 579-590]

DUCROT, O. *Princípios de semântica linguística* (dizer e não dizer). São Paulo: Cultrix, 1972.

FARACO, C. A.; TEZZA, C. *Prática de texto para estudantes universitários*. Petrópolis: Vozes, 2002.

FOCHI, E. M. A classe dos pronomes relativos: uma descrição. *Alfa*, São Paulo, v. 35, p. 105-122, 1991.

KOCH, I. G. V. *A coesão textual*. 19. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

_____. *Argumentação e linguagem*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1993.

_____. *Texto e coerência*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1993.

_____. *O texto e a construção dos sentidos*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

NEVES, M. H. M. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2006.

SCOTT, M. *WordSmith Tools. Version 4*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

VOGT, C. *O intervalo semântico*. São Paulo: Ática, 1977.

Apêndice: **Quadro das conjunções, segundo a gramática tradicional**

Aditivas	E, nem, mas também, mas ainda, (não só) como, (tanto) quanto
Adversativas	Mas, porém, todavia, contudo, entretanto, no entanto, não obstante, e, quando, agora, antes, senão
Alternativas	Ou, ou...ou, ora...ora, quer...quer, já...já, umas vezes...outras vezes, talvez...talvez, seja...seja
Conclusivas	Logo, portanto, por isso, por conseguinte, pois (posposto), assim, então, em vista disso, de modo que, de maneira que, de forma que, de sorte que
Explicativas	Porque, que, porquanto, pois
Integrantes	Que, se, quando, onde, por que, como
Causais	Porque, que, porquanto, pois, visto que, já que, uma vez que, como
Comparativas	(mais, menos, maior, menor, melhor, pior) que, do que (tal) qual, como, (tanto, tão) quanto, como, assim como
Concessivas	Embora, ainda que, mesmo que, se bem que, posto que, conquanto, apesar de que,
Condicionais	Se, caso, contanto que, salvo se, exceto se, desde que, a menos que, a não ser que, sem que, uma vez que, dado que
Conformativas	Conforme, consoante, segundo, como, que
Consecutivas	(tão, tanto, tamanho, tal, de sorte, de modo, de maneira, de forma) que
Temporais	Quando, logo que, depois que, antes que, sempre que, desde que, até que, assim que, enquanto, mal, apenas, sem que
Finais	Para que, a fim de que,
Proporcionais	À proporção que, à medida que, ao passo que, quanto mais, quanto menos, quanto maior
Modal (não abrigada na NGB)	Sem que